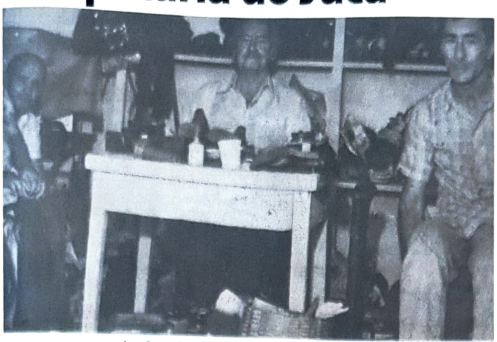
Casos & .Causos

Por Nestor Leme

A sapataria do Juca



Juca Sapateiro e seu sucessor na tradicional sapataria que marcou a história de Serra Negra | Arquivo de Nestor Leme

Segundo o livro "Serra Negra, Seu Povo e Suas Epopeias", de Sebastião Pinto da Cunha, por volta de 1821 já existia um sapateiro trabalhando por aqui. Seu nome era Antônio José Pires, e ele aparece como testemunha em um processo de disputa de terras entre sitiantes locais. Na descrição desse processo, destaca-se que a testemunha era sapateiro de profissão. E, se formos acreditar no livro do Sebastião, a cidade ainda estava para ser fundada e já havia um sapateiro remendando e fabricando sapatos e botas por aqui.

Não temos mais nada registrado sobre sapateiros serranos por um grande espaço de tempo, então pulamos para o ano de 1913. Pesquisando em um almanaque publicado naquele ano, encontramos que, nesse tempo, funcionavam em Serra Negra dez sapatarias, que tinham como proprietários Alfredo Dallari, Antônio Nicolielo, Boccato & Vitoreli, Caetano Pezzini, Gallo & Vaz, Italo Malavasi, Júlio F. de Larucci & Comp., José Nunciarone, Luiz Pachioni, Roque J & Irmão e Zacarias Qualio.

Eu nasci em 1942 e, que me lembro de minha infância, a única dessas sapatarias a sobreviver até então foi a de Zacarias Qualio, que ainda existia na Rua Duque de Caxias quando eu era criança.

E, para darmos continuidade a este artigo, devemos destacar que, nos últimos tempos, usar sapatos deixou de ser prioridade, pois, na atualidade, só usam sapatos juízes, advogados, alguns políticos e religiosos. O povão gosta mesmo é de usar tênis, que, quando ficam gastos, vão para o lixo e são substituídos por outros, diferente dos sapatos, que podem ser remendados, colocados saltos e solas novas, trabalho que era prestado pelos sapateiros que hoje, por falta de serviço, estão quase extintos.

Eu comecei a trabalhar no ano de 1954, numa oficina de artesanato em couro, que ficava bem em frente da conhecida Sapataria do José de Souza Moraes, ou Juca Sapateiro, como ele era conhecido. Era uma sapataria à antiga, com uma mesa de sapateiro cercada por quatro banquetas, onde trabalhavam o Líbero Qualio, que era o único que fabricava sapatos, mais o Bota Angelini e o próprio Juca, que faziam os consertos.

E o lugar, além de sapataria, era o ponto de reunião dos aposentados da região, pois todos os dias chegavam para ocupar as cadeiras sobressalentes o Miguel Traversari, João Belini, Balo Angeli (ainda estudante), Yussef Nacif, Chico Baia, Dito Nunciaroni, Júlio Francati e outros. Ali se discutia de tudo: pescarias, futebol, política.

E foi da política que circulava por lá que me lembrei deste causo, que foi mais ou menos assim. Em 1956 aconteceram eleições municipais, e o Seu João Belini se candidatou para uma das cadeiras da Câmara de Vereadores. Assim sendo, na noite que antecedeu a eleição, o candidato promoveu uma reunião naquela sapataria, para conseguir os votos dos presentes, sendo que, depois das falas, foi servido ao pessoal, cerca de uns cinquenta eleitores, pão com carne moída, pinga, cerveja e guaranás.

Presença considerada excelente pelo candidato, pois naquele tempo um vereador se elegia com mais ou menos esse número de votos. No dia seguinte à votação, o pessoal se reuniu na sapataria para ouvir pelo rádio a apuração dos votos, sendo que, no final desta, souberam que o Seu João teve menos votos que o número de presentes no seu comício, daí ele não foi eleito. É claro que ele não gostou do resultado. Saiu da sapataria sem olhar para trás, atravessou a rua, foi até a loja do Yussef e, bravo, cobrou deste o voto. No que o Yussef respondeu: "De fato não votei no senhor, pois eu sou libanês e nem eleitor sou". "Mas encher a barriga na minha festa bem que você foi", respondeu o João, saindo pisando duro da loja e, por uma semana, não apareceu na sapataria.

Crônicas do .Dia a Dia

Por Guida Gerosa

Que energia é essa?

A vida é mesmo uma surpresa, não é?! Apesar das suas indefinições de porquês. Afinal, quem somos nós, porque existimos, o que acontece após a morte e que energia é essa que nos envolve?

A energia está em tudo: em nós, na vida, na saúde, nas luzes, nas emoções. Quando adolescente, tinha uma preocupação profunda - daquelas que te acordam às 2 da manhã para ficar pensando - sobre o porquê da existência. Mas essa era uma pergunta que eu não conseguia ter uma resposta e, com isso, decidi apenas viver com alegria, com amor, com respeito e todos os bons valores que podem existir para uma existência plena e feliz, mesmo que existam as segundas-feiras de trabalho. Naquela época tão jovem achei que seria maturidade da minha parte existir mesmo tendo todas as dúvidas que ninguém responde totalmente.

Aprendemos a conviver com os mistérios da vida. A energia é explicada como o mistério que nos move; como física, no movimento, calor e eletricidade; como energia condensada da matéria; como vida, nos impulsos nervosos, batimentos cardíacos; como energia vital, "prana", "chi", espírito, alma; como emoção, vibrações de amor, alegria, gratidão, raiva, ódio; como energia coletiva entre outras formas de energia.

Quando a luz acende, é energia; quando rimos, é energia; quando o sol vibra, é energia; quando meu coração bate, é energia. Se existe uma energia maior nos movendo, ótimo. Se somos um milagre bioquímico bem organizado, também é ótimo. O fato é que estamos aqui. Respirando. Sentindo. Amando. Errando. Tentando de novo e muitas vezes tomando um cafezinho para nos animar.

Com o tempo, fui percebendo que, talvez, a grande questão não seja entender completamente essa força misteriosa, mas sim aprender a administrá-la. Podemos espalhar amor ou dor, peso ou leveza, contaminar ou curar ambientes. Podemos usar nossa energia para reclamar ou para dançar. Quando penso em reclamar, lembro de minha mãe que nunca reclamou de nada, a pessoa mais resiliente que já conheci. Tudo o que viveu e recebeu, aceitava sem reclamar. Me lembro de vê-la chorando e não queria falar o porquê. Podia sofrer calada ou simplesmente usava o "jogo do contente", e aceitava tudo o que a vida lhe oferecia. Simplesmente vivia!

E, talvez, essa seja a maior energia de todas: a escolha diária de continuar acendendo a própria luz, mesmo quando no mundo existam tantas pessoas desejando apagar essa energia chamada vida.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

A memória é uma festa que nunca termina

Às vezes, o silêncio aqui no Ponto de Cultura ReArte – Residência Artística é preenchido pelo barulho ensurdecedor de um passado que se recusa a sumir.

Estou cercado por centenas de fotografias do inesquecível "pracinha" serrano, Ari Vieira (meu tio); nelas, as memórias da 2a Guerra Mundial, contrastam com a felicidade carnavalesca, em imagens que mostram ele, sua esposa e filha desfilando sorrisos em fantasias impecáveis nos antigos bailes de salão da nossa cidade.

Hoje em dia, muitos reclamam de um Carnaval "morno", sentindo falta daquela Serra Negra que parava para ver os carros alegóricos.

Espero não estar delirando, mas, tenho lembranças surreais de uma tartaruga gigante modelada sobre um caminhão ou o imponente King Kong que parecia observar a multidão do alto de sua majestade de papelão e ferro.

Como museólogo e historiador, percebo que a minha função não é apenas lamentar o que se perdeu, mas garantir que essas imagens não virem poeira.

Recentemente, em uma dessas conversas que valem por décadas de estudo, com o Nestor Leme — nosso incansável guardião da memória local –, falamos sobre o desafio de salvar as fitas em Super 8. Para quem não está familiarizado com o termo, este era o formato de cinema doméstico que reinou antes do digital; pequenas bobinas de filme que guardam a luz de momentos que o tempo já apagou.

Essas fitas são traiçoeiras: o material químico se degrada, as cores desbotam e o projetor torna-se uma peça rara de museu. Digitalizá-las para os padrões atuais não é um capricho tecnológico, mas um resgate de sobrevivência para que as novas gerações saibam que o chão da nossa cidade já tremeu sob o peso de desfiles grandiosos.

Para poder resgatar estes tesouros, falta um "pequeno detalhe": ter verba para comprar o equipamento que faz a conversão digital... Rezo para São Paulo Gustavo e Santo Aldir Blanc para que novos editais culturais caiam do céu e possamos concorrer às verbas, que, apesar de mínimas, já ajudam!

Ao transformar essas fotos amareladas e filmes trêmulos em arquivos binários – aquela linguagem de computadores que permite que o passado viva na internet –, estamos, na verdade, dando um novo palco a uma época em que a criatividade humana não tinha medo de ser monumental. A memória, quando bem cuidada, é uma festa que nunca termina!

Carnaval, anos 70: Vieiras e Fiorittis - Lucélia, Arthemo, Ari, Ernani, Edite, Vera e Ronilson | Arquivo de Henrique Vieira Filho

104,5 fm SERRANEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!

Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra

www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

A memória é uma festa que nunca termina

Às vezes, o silêncio aqui no Ponto de Cultura ReArte – Residência Artística é preenchido pelo barulho ensurdecedor de um passado que se recusa a sumir.

Estou cercado por centenas de fotografias do inesquecível "pracinha" serrano, Ari Vieira (meu tio); nelas, as memórias da 2a Guerra Mundial, contrastam com a felicidade carnavalesca, em imagens que mostram ele, sua esposa e filha desfilando sorrisos em fantasias impecáveis nos antigos bailes de salão da nossa cidade.

Hoje em dia, muitos reclamam de um Carnaval "morno", sentindo falta daquela Serra Negra que parava para ver os carros alegóricos.

Espero não estar delirando, mas, tenho lembranças surreais de uma tartaruga gigante modelada sobre um caminhão ou o imponente King Kong que parecia observar a multidão do alto de sua majestade de papelão e ferro.

Como museólogo e historiador, percebo que a minha função não é apenas lamentar o que se perdeu, mas garantir que essas imagens não virem poeira.

Recentemente, em uma dessas conversas que valem por décadas de estudo, com o Nestor Leme — nosso incansável guardião da memória local –, falamos sobre o desafio de salvar as fitas em Super 8. Para quem não está familiarizado com o termo, este era o formato de cinema doméstico que reinou antes do digital; pequenas bobinas de filme que guardam a luz de momentos que o tempo já apagou.

Essas fitas são traiçoeiras: o material químico se degrada, as cores desbotam e o projetor torna-se uma peça rara de museu. Digitalizá-las para os padrões atuais não é um capricho tecnológico, mas um resgate de sobrevivência para que as novas gerações saibam que o chão da nossa cidade já tremeu sob o peso de desfiles grandiosos.

Para poder resgatar estes tesouros, falta um "pequeno detalhe": ter verba para comprar o equipamento que faz a conversão digital... Rezo para São Paulo Gustavo e Santo Aldir Blanc para que novos editais culturais caiam do céu e possamos concorrer às verbas, que, apesar de mínimas, já ajudam!

Ao transformar essas fotos amareladas e filmes trêmulos em arquivos binários – aquela linguagem de computadores que permite que o passado viva na internet –, estamos, na verdade, dando um novo palco a uma época em que a criatividade humana não tinha medo de ser monumental. A memória, quando bem cuidada, é uma festa que nunca termina!

Carnaval, anos 70: Vieiras e Fiorittis - Lucélia, Arthema, Ari, Ernani, Edite, Vera e Ronilson | *Arquivo de Henrique Vieira Filho*